



Ensaio Fotográfico

A construção Imagética do índio e a Prática Fotográfica Contemporânea: ensaio sobre a aldeia Tukum, Território Indígena Tupinambá de Olivença

The Imagetic construction of the Indian and Contemporary Photographic Practice: essay on the Tukum village, Tupinambá de Olivença Indigenous Territory

Micael Luz Amaral* e Marília Flores Seixas de Oliveira**

* Recebido em: 07.04.2019. Aprovado em: 04.10.2019

** Graduado em Cinema e Audiovisual pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Mestrando do Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB. Email: micaelluzamaral@gmail.com.

*** Professora Plena do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, com Pós-Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos (POSAFRO/ UFBA) e Doutorado em Desenvolvimento Sustentável (CDS/UnB). mariliaflores@uesb.edu.br.

Resumo: As fotografias que se seguem resultaram das viagens realizadas à aldeia Tukum, território indígena Tupinambá de Olivença, nos anos de 2017 e 2018. Elas foram construídas de forma pactuada com a comunidade indígena no propósito de narrar uma pequena parte do cotidiano da aldeia. Buscou-se por uma estética e narrativa que demonstrasse o envolvimento dos índios com a mata, representado pelas crianças, mulheres e homens camponeses empoderados e politicamente engajados, guiados pelos seus ancestrais, cuja cultura e luta se relacionam intrinsecamente com a terra. Essas imagens podem ser pensadas como um dos vetores possíveis, somados aos outros mecanismos próprios de interpretação da consciência étnica e cultural indígena. É uma produção fotográfica compartilhada, fruto de vivências e trocas intencionadas no reconhecimento das indianidades do povo Tukum.

Palavras-chave: Fotografia; Povos Indígenas; Tupinambá; Tukum.

Abstract: The photographs that follow resulted from trips to the Tukum village, Tupinambá de Olivença indigenous territory, in the years 2017 and 2018. They were built factually with the indigenous community in order to narrate a small part of the village's daily life. We sought for an aesthetic and narrative that demonstrated the involvement of the Indians in the forest, represented by the empowered and politically engaged peasant children, women and men, guided by their ancestors, whose culture and struggle are intrinsically related to the land. These images can be thought of as one of the possible vectors, added to the other mechanisms of interpretation of indigenous ethnic and cultural awareness. It is a shared photographic production, the result of experiences and exchanges intended to recognize the Indianities of the Tukum people.

Keywords: Photography; Native people; Tupinambá; Tukum.



No século XVI, são disseminadas na Europa representações imagéticas que atuam na homogeneização e visão exótica da cultura indígena, as quais resgatam as tradições narrativas eurocêntricas que já atribuíam inferioridade aos povos ameríndios. Esse imaginário foi historicamente incorporado às práticas cotidianas, às ciências, às políticas indigenistas e às produções artísticas, configurando, assim, um conjunto de ações que ressoam na formação da identidade brasileira.

A tradição iconográfica e literária nos parece revelar uma prática colonialista dos seus autores ao representarem a imagem dos índios brasileiros. Os relatos nas cartas dos viajantes colonos e as pinturas do período colonial, por exemplo, demonstram um ideal Europeu de representação, cujas relações foram institucionalizadas de maneira verticalizada: índios do primeiro contato tratados como gente sem alma, pela prática antropofágica; sem crença, por não conhecerem o cristianismo; e ingênuos, pela nudez (CUNHA, 1990). Em oposição a essa ideia, a clássica reflexão de Montaigne (1533-1592) sobre a civilização e a barbárie coloca em confronto o ideal do Velho Mundo relativo a quem está com a razão: os Tupinambás pela prática canibalesca ou os europeus pelo sacrifício público dos homens em nome da religião cristã?

Por esta lógica, observa-se que nos séculos seguintes, indígenas mais isolados do Brasil. São retratos protagonizados pelos estrangeiros E.Thiesson (1844), Felipe Augusto Fidanza (1847), Bartolomé Bossi (1860), A. Frisch (1865), Vincenzo Pastore (1865), Marc Ferrez (1875), Ermanno Estrandelli

(1879), Dana B. Merrill (1887), Hercule Florence (1879), Franz Keller (1890), Paul Ehrenreich (1894), George Huebner (1900), Walter Garbe (1908) e outros que apresentaram ao mundo “civilizado” europeu o retrato do fenótipo do “bárbaro” como consideraram os estudos da Antropologia Física do período (MOREL, 2002). Esses fotógrafos, alguns deles viajantes e comerciantes, testemunharam e compartilharam de uma visão predatória, etnocêntrica e colonizadora sobre os índios que foi sustentada por trezentos anos de um imaginário solidificado na sociedade europeia. Constata-se, nessa primeira experiência fotográfica, a representação dos povos tradicionais genuinamente marcados pelo silenciamento e apagamento da identidade indígena em conformidade aos interesses políticos do Império com o propósito de construir uma identidade brasileira.

Da segunda metade do século XX até os dias atuais, as fotografias que tematizam as questões indígenas podem ser vistas como práticas heterogêneas, no sentido de elas incorporarem novos modelos de representações. Em 1910, essas imagens reproduziram o discurso de “pacificação” dos índios e sua integração à sociedade. Tais políticas integracionistas ocasionaram o genocídio de diversas etnias (para maiores esclarecimentos, ler sobre o Serviço de Proteção aos Índios – SPI). Neste período, a prática fotográfica adere a uma metodologia etnográfica fundada pelos autores funcionalistas – a obra *Argonautas do Pacífico Ocidental* (1984), de Bronislaw Malinowski, traz aprofundamento sobre essa temática ao discutir a relevância das fotografias na produção de dados etnográficos.



Contudo, é a narrativa mágica e a poética quem cria descontinuidade à tradição fotográfica e marca, significativamente, rupturas nas representações, como é o caso do trabalho de Claudia Andujar sobre os Yanomami: fotografias que resultam das relações éticas e de alteridades compactuadas durante o ato fotográfico.

Nesse sentido, nota-se que a produção fotográfica recente aponta para uma série de eventos que aproximam a linguagem aos povos indígenas, inclusive por intermédio de uma larga produção protagonizada pelos próprios indígenas dentro de suas aldeias, refinando o lugar de fala e proporcionando autenticidade à voz que ressoa mediante essas representações fotográficas.

As atuais narrativas fotográficas sobre a temática indígena ainda influenciam a formação do imaginário social contemporâneo. Por um lado, essas imagens categorizam certas idealizações folclóricas e romantizam aspectos dessas culturas sem verdadeiro protagonismo e consentimento dos seus representados. De outro, percebem-se fotografias dispostas como resistência aos direitos negados, politicamente engajadas a serviço da luta indígena.

Assim, as fotografias que se seguem resultaram das viagens realizadas à aldeia Tukum, território indígena Tupinambá de Olivença, nos anos de 2017 e 2018. Elas foram construídas através de pacto com a comunidade com o propósito de narrar uma pequena parte do cotidiano da aldeia. Os registros fotográficos se propõem a traduzir certas experiências relacionais vivenciadas durante este tempo.

Buscou-se por uma escolha estética e narrativa que

demonstrasse o envolvimento dos índios com a mata, representado pelas crianças, mulheres e homens camponeses empoderados e politicamente engajados, guiados pelos seus ancestrais, cuja cultura e luta se relacionam intrinsecamente com a terra.

No contexto da abordagem historicista mencionada até aqui, apresenta-se neste ensaio uma série de 10 fotografias que estão à disposição dos processos de etnogênese e de demarcação do território Tupinambá de Olivença no Sul da Bahia. Essas imagens podem ser pensadas como um dos vetores possíveis, somados aos outros mecanismos próprios de interpretação da consciência étnica e cultural indígena. É uma produção fotográfica compartilhada, fruto de vivências e trocas que resultaram nos registros híbridos intencionados no reconhecimento das indianidades do povo Tukum.

A Mata Atlântica é considerada como uma das áreas mais ricas em diversidade biológica ameaçada do mundo. Sua dimensão original, em 1500, era equivalente a 1.315.460 km², cobria 15% do território brasileiro. Hoje, o remanescente não ultrapassa 102.012 km², restando apenas 8,5% da área original (SOSMA, 2012). A Floresta abriga milhares de espécies de plantas e animais fundamentais para a purificação do ar, proteção do solo e subsistência de aldeias e comunidades, por meio de atividades de pesca, da agricultura e/ou do extrativismo. Na Mata Atlântica, encontram-se grandes árvores, como o Jacarandá-da-Bahia, Pau-Brasil e Jequitibá. Segundo SOSMA (2012), são 298 espécies de mamíferos, 992 espécies de aves, 200 espécies de répteis, 370 espécies de anfíbios e 350 espécies de peixes. Ainda, mediante os



constantemente processos exploratórios da indústria, das atividades ligadas à agropecuária, da expansão turística e urbana, a floresta encontra-se em declínio.

Nesse contexto, vivem os Tupinambás de Olivença, no sul da Bahia, região de Mata Atlântica. São 22 aldeias, com aproximadamente 8000 mil índios, localizados entre Ilhéus, Una e Buerarema. Em 2009, cerca de 47.376 hectares foram delimitados pela Diretoria de Assuntos Fundiários da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) como Território Indígena Tupinambá de Olivença, uma conquista histórica, mas sob muita luta e articulação política. Atualmente, a conclusão do processo de demarcação de suas terras depende exclusivamente da assinatura da portaria declaratória pelo Ministério da Agricultura. À vista disso, segundo o Cacique Ramon, em 2019, os Tupinambás têm sido vítimas de ações violentas, devido ao interesse sobre os seus territórios; por exemplo a especulação imobiliária, pois a região possui grandes riquezas, como florestas, estâncias hidrominerais, diferentes minérios (“areia e arenoso”) e outros.

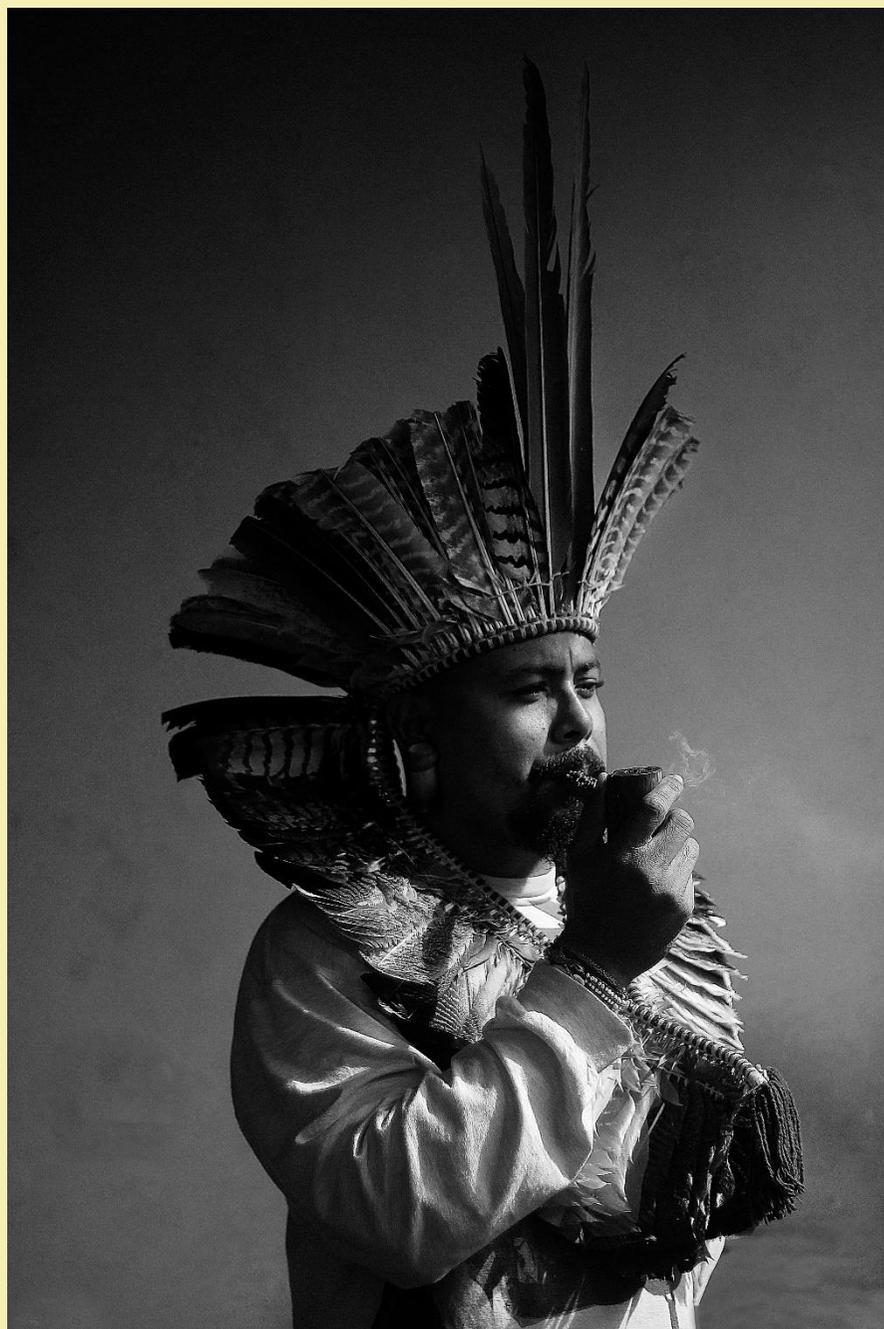
Dentre as aldeias que fazem parte do território indígena Tupinambá de Olivença, encontra-se a aldeia Tukum, localizada no município de Ilhéus. A aldeia, situada no centro da Mata Atlântica, possui aproximadamente 350 indígenas, entre mulheres, homens e crianças envolvidos pela diversidade biológica da floresta.

Em 2017, na aldeia Tukum, obtivemos o consentimento do Cacique Ramon Tupinambá e sua companheira Nádia Akauã Tupinambá para nos integrar à comunidade realizando essas fotografias. A primeira

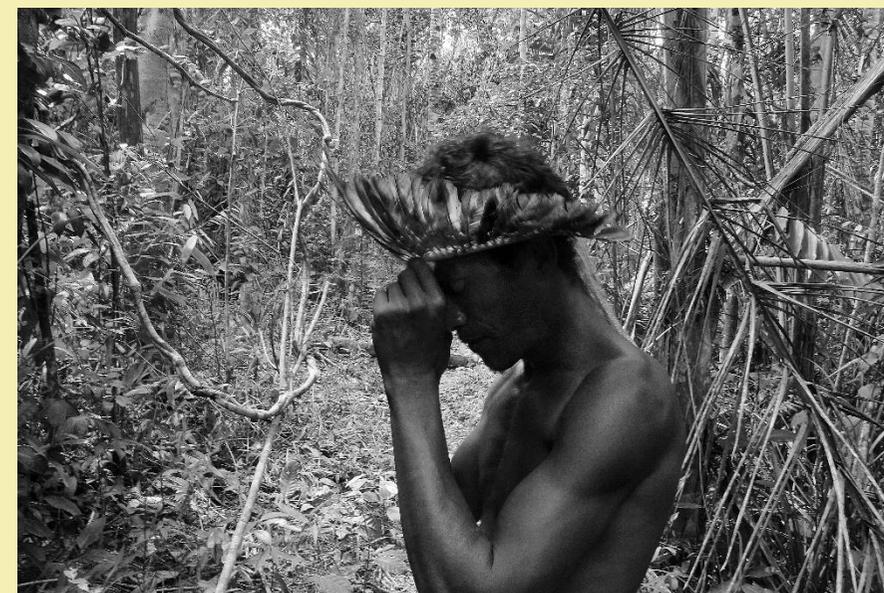
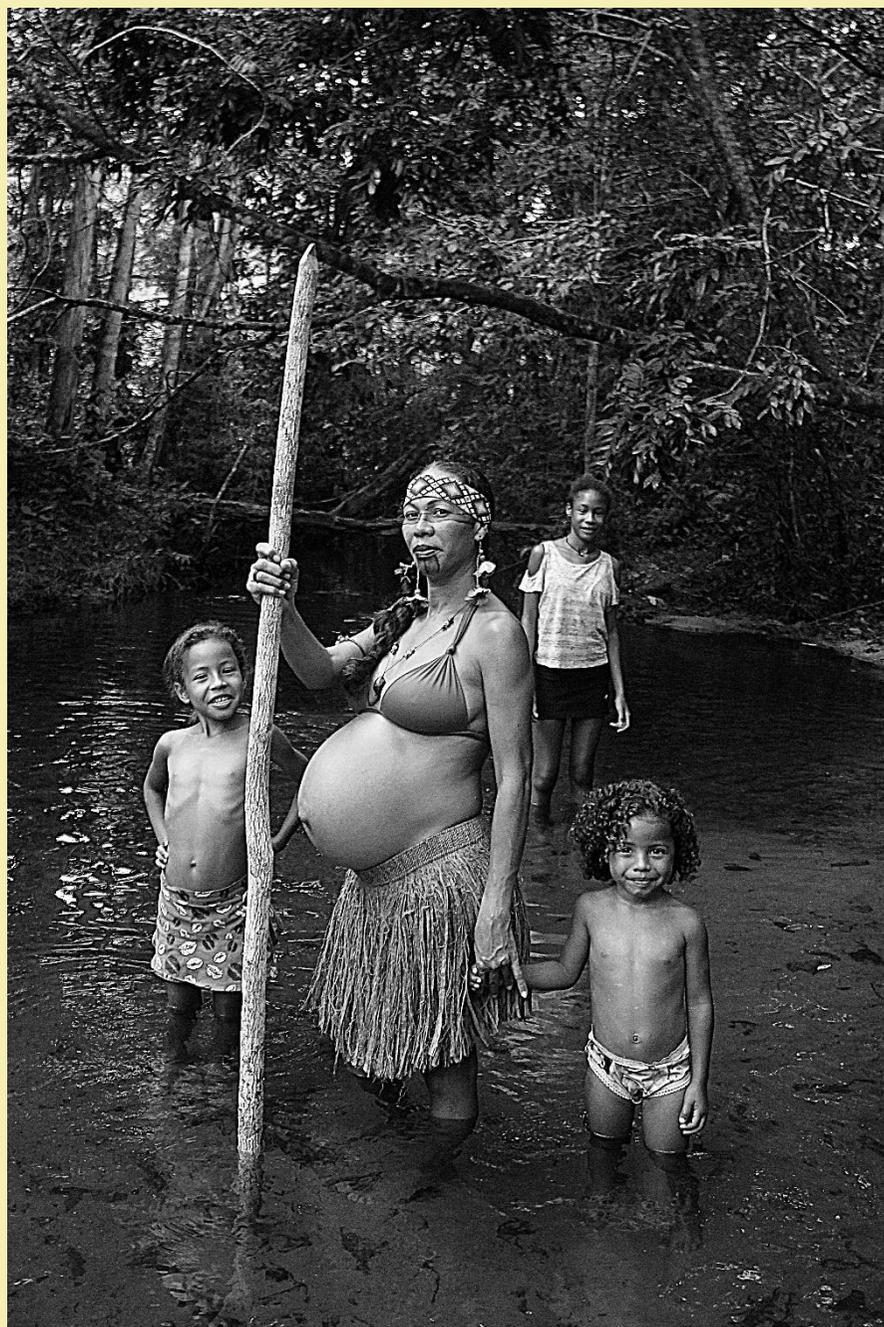
experiência deu partida para diversos novos encontros centrados na luta pela demarcação do território ancestral.

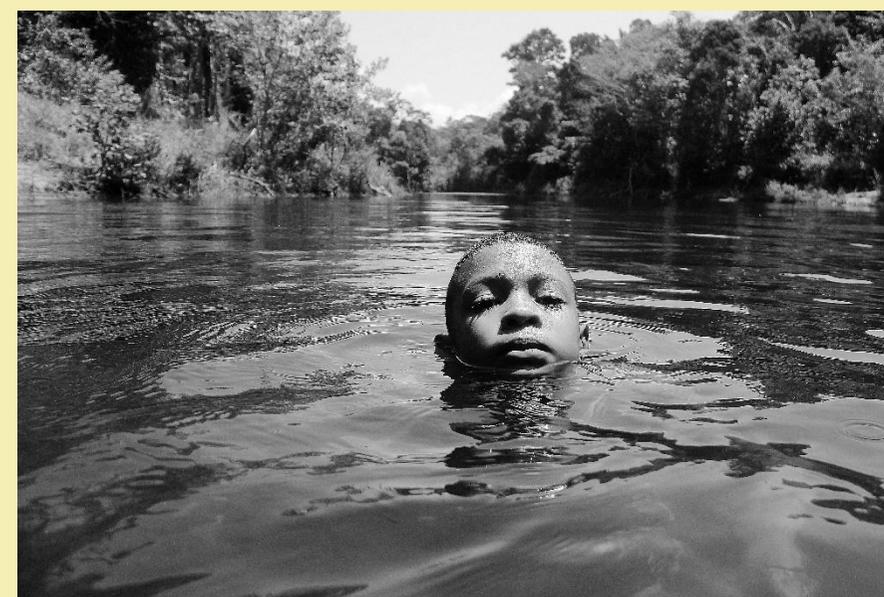
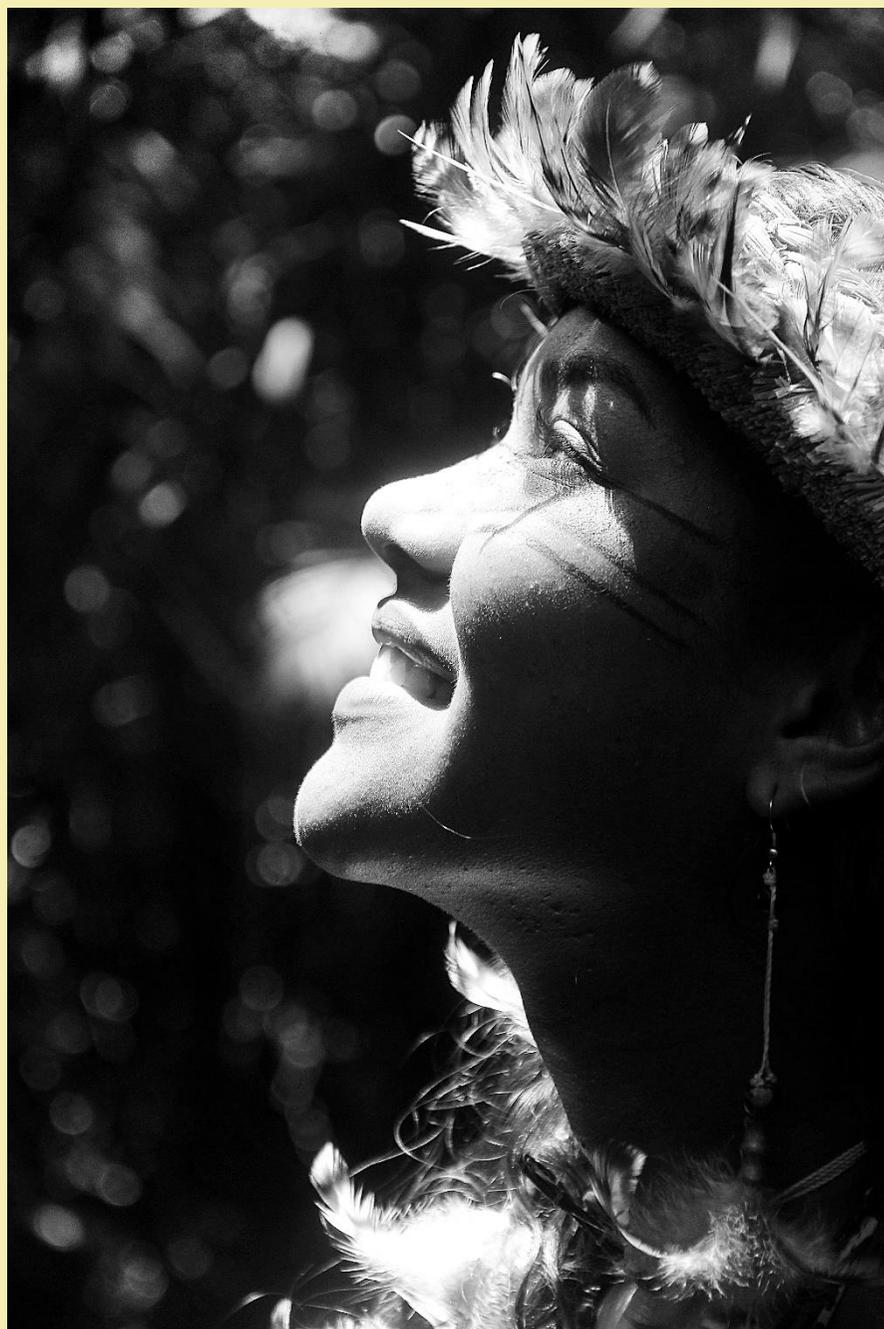
Além dos diferentes institutos e *ONG's* que desenvolvem trabalhos de preservação e conservação das áreas da Mata Atlântica no Sul da Bahia, a nação indígena Tupinambá de Olivença, como herança dada por seus antepassados, protege as florestas e os animais silvestres (Onça-pintada, Mico-leão-dourado, Bicho-preguiça), numa relação de inteira conectividade com a “mãe terra”, por meio da união do corpo, da casa e da floresta anunciando a reciprocidade e a dialogicidade entre a natureza e o ser humano. Infelizmente, ainda assim, há, nessa região da aldeia, casos de desmatamento ilegal de árvores nativas para a comercialização da madeira, ameaças constantes de latifundiários aos indígenas e uma grande concentração de mineradoras de areia e arenoso, sem qualquer fiscalização.

A aldeia Tukum é um território que contém preservados rios, árvores e animais de diferentes espécies, todos conservados e mantidos como refúgio às atrocidades legitimadas pelo não índio. Esta aldeia é o reflexo positivo e esperançoso do reflorestamento da Mata Atlântica no Sul da Bahia.











REFERÊNCIAS

CUNHA, Manuela Carneiro da. Imagens de índios do Brasil: o século XVI. *Estudos Avançados*, v. 4, n. 10, p. 91-110, 1990. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8582>. Acesso em: 15 de maio 2020.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos dos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MOREL, Marco. Imagens aprisionadas e resistência indígena: os daguerreótipos de 1844. *Studium*, n.10. Campinas. Disponível em: <http://www.studium.iar.unicamp.br/10/7.html>. Acesso em: 19 de maio 2020

SOSMA. Fundação SOS Mata Atlântica. *Portal SOS Mata Atlântica*. Dados Gerais. 2012. Disponível em: <https://www.sosma.org.br/conheca/mata-atlantica/>. Acesso em: 15 de maio 2020.